

William Tyndale

Isaiás Lobão Pereira Júnior

Eu tenho um grande interesse na tradução da Bíblia. Por isso fiz duas pesquisas sobre a história da tradução da Bíblia. Você pode encontrá-las aqui no site www.monergismo.com.

A história do Protestantismo é intimamente ligada à tradução da Bíblia por três razões. Em primeiro lugar, o Protestantismo ensina que a Bíblia é sua última autoridade, não a tradição ou personalidades importantes ou a experiência. Em segundo lugar, a Bíblia sozinha é suficiente (Sola Scriptura). E em último lugar, o Protestantismo ensina o sacerdócio universal de todos os crentes, entre outras coisas, isto significa, que cada cristão tem o privilégio e a responsabilidade de conhecer a Deus e sua revelação nas Escrituras.

A consequência natural desses princípios é que cada cristão necessita ter acesso a Escritura em sua própria linguagem. De fato, os protestantes, mais do que qualquer outro grupo religioso, tem se preocupado em traduzir seu livro sagrado para outras línguas.

O islamismo, outra grande religião monoteísta, não tem a mesma preocupação de apresentar seu livro sagrado para outras línguas. Existe um peso da teologia islâmica aqui, o Corão foi escrito em árabe e esta é a língua sagrada do profeta, portanto, o verdadeiro muçulmano conhece a palavra de Deus através de sua língua sagrada.

Essa foi a motivação de William Tyndale (1494-1536), ao buscar traduzir a Bíblia, mesmo sendo alvo de perseguições e correndo o risco de ser executado pelo rei da Inglaterra, o que acabou por acontecer.

Sua vida e obra exerceram grande influência no desenvolvimento da fé reformada entre os povos de língua inglesa. Existem faculdades que foram batizadas com seu nome, uma das maiores editoradoras de livros cristãos no mundo (Tyndale House) ostenta seu nome como referência ao seu trabalho de divulgação da palavra escrita. Organizações que mantêm teólogos, lingüistas e antropólogos preocupados em traduzir a Escritura para línguas exóticas, tem-no como exemplo e inspiração.

O poder e a precisão das traduções de Tyndale[1] colocam-no como uma figura importante na formação da língua inglesa. O trabalho de Tyndale foi a base da maioria das traduções da Bíblia inglesa. Daniell estimou que 83% do Novo Testamento da versão King James foram retirados da obra de Tyndale[2]. Na sua tradução da Bíblia, Tyndale cunhou frases que se transformaram em expressões características da língua inglesa: *let there be light* (Genesis 1), *the powers that be* (Romans 13), *my brother's keeper* (Genesis 4), *the salt of the earth* (Matthew 5), *a law unto themselves* (Romans 2), *filthy lucre* (1 Timothy 3) e *fight the good fight* (1 Timothy 6).

O senso de ritmo e proporção poética de Tyndale concedeu força a clássicas sentenças como as seguintes: *Ask, and it shall be given you; seek and ye shall find; knock and it shall be opened unto you* (Matthew 7) *In him we live and move and have our being* (Acts 17) *The spirit is willing, but the flesh is weak.* (Matthew 26).

Era um mestre da frase curta e eficaz, próxima do inglês conversacional, mas distinta da eficiência que é usada num provérbio, por exemplo. Essa construção lingüística é conhecida como aforismo poético. O aforismo é uma máxima ou sentença que em poucas palavras contém uma regra ou um princípio de grande alcance. Suas frases foram usadas largamente, e é possível que tenham influenciado as construções gramaticais de um autor tão importante para a formação da língua inglesa como foi Shakespeare.[3] Aforismos semelhantes ao de Tyndale podem ser encontrados na obra de Shakespeare: *the milk of human kindness* ou *to be or not to be*.

Contudo, Tyndale foi acusado de apresentar uma tradução das Escrituras distorcida e, especialmente, redefinir teologicamente importantes palavras para fundamentar sua posição doutrinária. Punha-se em causa determinados termos utilizados por Tyndale, que fugia à tradição católica, como por exemplo: *senior* em vez de *priest*; *congregation* em vez de *church*; *love* em vez de *charity*; *repentance* em vez de *penance*; *grace* em vez de *favour*.

O problema não estava na tradução, uma vez que ela se podia justificar a partir do seu sentido original na língua grega, mas nas doutrinas que essa tradução denunciava. Por exemplo, sua tradução do grego *ekklesia* como *congregation*, seguindo o latim de Erasmo *congregatio*, ao invés do tradicional

church irritou Thomas Morus, porque sugeria uma visão radical do governo eclesiástico. O poder que estava somente nas mãos dos líderes eclesiásticos, Tyndale sugeria, deveria estar com todos os crentes.

Nota-se a influência da teologia luterana do sacerdócio universal de todos os crentes, que rompia com toda hierarquia clerical, a favor do livre-exame da Escritura e da liberdade da consciência. A posição mais radical será encontrada entre os grupos anabatistas no continente e na Inglaterra entre os puritanos separatistas[4].

Aliás, o próprio Tyndale na sua *Answer to Sir Thomas More Dialogue* explicita o seu conceito de *church*. Tendo originariamente significado local, ou casa onde os crentes se reuniam para ouvir a palavra de Deus numa língua acessível a todos, o termo *church* passou a designar o clero, naquilo a que Tyndale considera ter sido "*abused and mistaken for a multitude of shaven, shorn and oiled*".

Contudo, Tyndale considera que há, ou deverá haver, uma terceira explicação para o termo, que é a de *congregation*, ou seja, um grupo de pessoas de todas as classes sociais que se juntam para ouvir e viver a mensagem de Cristo. Para ele, esta será a verdadeira igreja de Cristo, de acordo com as Escrituras: *For where two or three are gathered together in my name, there am I in the midst of them.* (Mt 18:20).

O Pensamento de Tyndale

Ao mesmo tempo que Tyndale se ocupou na tradução e impressão das Escrituras, ele também se envolveu em acirradas disputas teológicas. Muitas obras de William Tyndale continuam sendo publicadas, lidas e discutidas. Elas ainda mantêm sua importância. São relevantes para o pensamento protestante reformado. Além da tradução bíblica, ele produziu diversas introduções, textos polêmicos, cartas e comentários.

Diante disto, selecionei alguns escritos que representam o pensamento de Tyndale, para demonstrar sua importância e relevância para a formação do protestantismo posterior. São três escritos; *A Pathway into Scripture*, *The Obedience of a Christian Man* e as controvérsias entre ele e Sir Thomas Morus.

Uma das suas primeiras produções, encontrada originalmente no fragmento de Colônia (Cologne fragment), foi revisado e impresso pela primeira

vez em 1531, *A Pathway into Scripture*. Foi apresentado inicialmente como prólogo a Escritura, posteriormente foi expandido e impresso num volume separado. O leitor é lembrado neste prólogo, que a doutrina da Justificação pela Fé, é no seu entendimento, a chave para se entender a Palavra de Deus.

Tyndale reprovava a atitude dos prelados que proibiam a tradução da Bíblia para o inglês comum. Utiliza-se de uma linguagem vigorosa, carregada de críticas ao que ele chamou de obscurantismo papista. As metáforas utilizadas por ele são baseadas, em grande medida, na linguagem bíblica, especialmente do evangelho de João. Luz e trevas, verdade e mentira, bom e mal. Estes contrastes, visam despertar o leitor e estimulá-lo a examinar atentamente as Escrituras, pois, para ele somente esta leitura atenta pode retirar o “véu que cobre a face” e que impede o esclarecimento das massas ignorantes da verdade religiosa.

O obscurantismo (papista) não pode entender a luz da Escritura, tal como está escrita, João I. A luz brilhou na escuridão, mas a escuridão não podia compreendê-la, puseram-lhe cortinas espessas e leram-na sem entendê-la, como os laicos proferem as matinas de Nossa Senhora, ou como se fossem profecias de Merlin – seus espíritos estão sempre ao nível de suas heresias. E quando chegam a um lugar que lhes pareceu propício, aí repousam, elaborando exposições fantásticas para estabelecer novas heresias, com na estória do moço que estaria satisfeito por comer a geléia de lampreias, mas não se atrevesse enquanto não lhe parecesse ouvir sinos tocando dentro dele. “Senta-se, pequeno Jack, e come as lampreias” – para tranquilizar sua consciência perturbada. Mas não é grande cegueira dizer, no princípio de tudo, que as Escrituras são falsas, no seu sentido literal, e matam a alma? Para demonstrar isso, na sua pestilenta heresia, abusam do texto de Paulo, dizendo, “ a letra matou, porque o texto se convertera numa cortina para eles, e não a entenderam”, quando Paulo, por esta palavra “letra”, significou a lei dada por Moisés para condenar todas as consciências, e para as privar de toda a virtude, a fim de as compelir para as promessas de misericórdia que estão em Cristo.[5]

The Obedience of a Christian Man continua sendo editado,[6] publicado em 1528, três anos depois da sua primeira edição do Novo Testamento. Em *Obedience*, Tyndale defende o alvo básico de sua tradução, e da Reforma Inglesa

que ajudou a estimular: o direito de todos os crentes, todo “rapaz que conduz um arado”, de ter acesso direto a Escritura, a suprema autoridade da Igreja. Para os reformadores, como Tyndale, a obediência a Escritura é o ponto principal da vida civil e religiosa, pois assim diz ele:

Eu havia percebido, pela experiência, como era impossível dar fundamento de qualquer verdade aos leigos, a não ser que as Escrituras fossem literalmente abertas diante de seus olhos na sua língua natal, para que eles pudessem ver o processo, ordem e significado do texto: senão, seja qual for a verdade ensinada, esses inimigos de toda verdade a extinguem de novo. Em parte fazendo malabarismos com o texto, expondo-o de uma forma difícil de entender... o processo e a ordem e o significado dele.[7]

O livro é um marco do pensamento político, expondo um outro princípio fundamental da reforma inglesa: que o rei é a autoridade suprema do estado. Para Tyndale, a autoridade real, entretanto, é determinada pela autoridade da Escritura, como afirma:

Está certo que obedeçamos a pai e mãe, mestre, senhor, príncipe e rei, e a todas as ordenanças do mundo, corporalmente e espiritualmente, pelas quais Deus nos rege e ministra livremente seus benefícios a todos nós. E que os amemos pelos benefícios que deles recebemos, e os temamos pelo poder que têm sobre nós para nos punirem, se transgredirmos a lei e a ordem. Contudo, os poderes ou governantes terrenos só devem ser obedecidos na medida em que as suas ordens não repugnem ou sejam contrárias aos mandamentos de Deus, que devemos sustentar antes de tudo. Daí que devemos ter sempre os mandamentos de Deus em nossos corações e pela mais alta lei interpretar a inferior; que devemos obedecer só ao que não seja oposta à crença no Deus único, ou ao amor de Deus, por intermédio de quem fazemos ou deixamos de fazer todas as coisas; que nada poderemos fazer contra a reverência devida ao nome de Deus, que possa resultar em desprezo d’Ele ou em menos temor pela Sua justiça; e que não obedeçamos ao que seja proposto para nos afastar ou impedir o conhecimento da santa doutrina de Deus, de quem o santo dia é servo.[8]

The Obedience of Christian Man inclui muitos argumentos retóricos que sobre a obediência da mulher que hoje, podem soar arcaicos ou ofensivos aos ouvidos sensibilizados pelo relativismo pós-modernista, mas sua descrição pormenorizada acerca da luta, entre o poder e o amor, é eterna. Um outro ponto de destaque em *Obedience* é seu discurso de tolerância e desobediência civil. A tolerância que se deriva do evangelho deve levar o cristão a aceitar o outro, mesmo que ele seja tão diferente como é o caso do mulçumano (turco). Antecipando uma atitude política puritana separatista, que vê o Estado com desconfiança, ele afirma que deve se desobedecer a um Estado injusto, que obriga o indivíduo a ferir ou matar seu semelhante.

Portanto, aquele que acreditar em qualquer criatura, seja no céu ou na terra, salvo em Deus e seu Filho Jesus, não terá motivo para amar a Deus com todo o seu coração, etc. nem para se abster de invocar seu nome em vão e desonrá-lo, nem para guardar o dia santo por amor à sua doutrina, nem para respeitar os governantes deste mundo, nem qualquer motivo para amar ao seu próximo como a si mesmo, nem para se abster de o ferir, sempre que pudesse obter vantagem por ele ou salvar-se a si mesmo ileso. E, de maneira idêntica, contra essa lei, Amai o vosso próximo como a vós próprios, não devíamos obedecer a qualquer poder terreno que proclamasse como ordem aos homens sob seu governo que ferissem ou perseguissem o nosso semelhante, seja ele inclusive um turco.[9]

Outra polêmica escrita por Tyndale foi intitulada *The Parable of the Wicked Mammon*. Nesta exposição baseada na parábola encontrada em Lucas 16. Este tratado foi outra defesa da doutrina da Justificação pela Fé.

...Somente a fé, não as obras, nem os méritos, mas unicamente em Cristo. Somos justificados e temos paz com Deus, é provado por Paulo em Romanos. “Eu não me envergonho do Evangelho” e ele ainda diz, que as promessas de Deus nos encontramos em Cristo. “Por isso (falando do evangelho) é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”. Em seguida fechando o capítulo, “o justo viverá pela fé”. A fé que temos em Cristo e nas promessas de Deus, nós encontramos, misericórdia, vida, favor, e paz[10].

Tyndale negou que a doutrina da Justificação pela Fé conduzia a uma vida de licenciosidade desenfreada como acusava Sir Thomas Morus e outros.

... E finalmente, saber que espécie de boas coisas temos em nós; reconhecer que elas são um dom da graça e, portanto, não são por merecimento, embora muitas coisas possam ser dadas a Deus por meio da nossa diligência em proclamar suas leis, em castigar nossos corpos, em orar e crer em suas promessas, que de outro modo não nos seriam concedidas; todavia, o nosso trabalho não merece esses dons mais do que os merece a diligência de um mercador que busca um bom navio capaz de lhe trazer as mercadorias em segurança até a terra, se bem que tal diligência ajude, ocasionalmente, à consecução dos fins. Mas quando cremos em Deus e fazemos, então, tudo o que está em nosso poder, e não o tentamos, apenas, Deus manterá sua promessa e nos ajudará e substituir-nos-á quando nossas forças fraquejarem.

Mais tarde Tyndale se envolveu com uma outra disputa com Sir Thomas Morus. Em 1528, o bispo de Lodres escreveu para ele, requerendo que examinasse os trabalhos de uns certos "filhos da iniquidade" e explicar "a astúcia malignidade daqueles ímpios heréticos" ao "povo inocente." Ele enviou a Morus exemplos dos escritos luteranos e lhe deu permissão para preparar um ataque. Tyndale não menciona em sua resposta, mas seu Novo Testamento, provavelmente, deve ter sido enviado a Morus, junto com outros livros. Outros tratados de Tyndale, publicados enquanto Morus estava trabalhando em seu livro, o convenceram que Tyndale estava entre os mais perigosos escritores luteranos. Em 1529, Sir Thomas Morus lançou seu ataque contra os reformistas, especialmente Lutero e Tyndale, num livro chamado *A Dialogue Concerning Heresies* [11].

Tyndale apresentou sua resposta a Morus em julho de 1531 no *An Answer to Sir Thomas More's Dialogue*. Nele, Tyndale confirma que Morus temia o constante apelo feito pelo reformador às Escrituras como autoridade superior. Não somente a hierarquia clerical, mas, a doutrina romana e sua prática foram explicitamente atacadas. Ele acusou Morus de subordinar suas convicções cristãs ao humanismo e de estar buscando conforto e poder junto aos prelados e soberanos.

Saber todas essas coisas é ter a Escritura aberta e acessível a todos vós, de modo que, se vós a penetrais e a ledes, vós desde logo a compreendereis que a heresia não flui das Escrituras, como a escuridão não vem do sol; mas é uma nuvem obscurecedora que jorra dos corações cegos dos hipócritas e cobre a face límpida das Escrituras, cerrando os olhos para que não se extasiem ante os raios brilhantes de luz que as Escrituras irradiam. [12]

Morus respondeu, um ano depois, no longo trabalho, *The Confutation of Tyndale*. Ele repete e intensifica seus ataques. Defendendo a destruição de seus livros, profetiza que Tyndale arderia no inferno pelos seus pecados. Ele apoiava a idéia que de que os hereges, como Tyndale, deveriam ser queimados. “A morte do herege na fogueira era de somenos importância porque ele já estava destinado ao fogo eterno [13]”.

Thomas Morus era, na verdade, um grande defensor da comunidade cristã supranacional como realidade básica no campo social, ao mesmo tempo em que condenava com grande intransigência toda a heresia. O debate entre eles se centralizou na relação da eclesiologia com a Escritura. Para Tyndale, somente a Escritura Sagrada tem a palavra final em matéria de fé e prática. Morus também aceitava além das Escrituras, a Tradição e os ensinamentos do magistério eclesiástico.

Tyndale argumentava que o Evangelho precedia a Igreja, e agora ele oferece meios para testar a forma e doutrina da Igreja. “Quando o crente tem seus olhos abertos pela fé, ele consegue discernir a igreja verdadeira e pura, da igreja falsa e corrompida [14]”.

As polêmicas entre Tyndale e Morus representam a expressão inicial da Reforma na Inglaterra. E marcam a primeira vez que um debate intelectual é impresso na Inglaterra. Os escritos polêmicos de Tyndale, assim como suas exposições teológicas, guardam o mesmo fino trato com as palavras, usando ritmos elegantes e um grande imaginário bíblico.

[1] GRISHAM, 2001. pp 15

[2] A esse respeito, confira HILL, C. *Intellectuals Origins Of English Revolution: Revised Edition*. A versão brasileira, publicada pela Companhia das Letras, é baseada na antiga edição inglesa. Nessa nova edição revisada, Hill destaca a influência de Tyndale na formação intelectual da revolução inglesa, citando como fonte deste novo entendimento a biografia de Tyndale escrita por David Daniell. Hill entende que Tyndale lançou bases para a contestação política puritana durante o reinado de Charles I. conf. HILL, C. *O Eleito de Deus*. Companhia das Letras.

[3] A tradução da Bíblia feita por Tyndale, com a linguagem atualizada, foi publicada em dois volumes, editados por David Daniell: *Tyndale's New Testament* (New Haven and London: Yale University Press, 1989); and *Tyndale's Old Testament* (New Haven and London: Yale University Press, 1992).

[4] DANIELL, David. *Op.cit.*

[5] TYNDALE, *Pathway*.

[6] Penguin Classics, UK. 2000

[7] TYNDALE, *Obedience*.

[8] TYNDALE, *op.cit.*

[9] TYNDALE, *Obedience*.

[10] TYNDALE, *Parable*.

[11] Citado em <http://www.williamtyndale.com/0sirthomasmore.htm>

[12] TYNDALE, *Aswers*.

[13] Citado em LINDBERG, 2001. p. 378.

[14] TYNDALE, *Answers to More's*.
